N E R V U R A S

POESIA EM CARNE VIVA

de Ilma Fontes

EDISE

N E R V U R A S

POESIA EM CARNE VIVA

GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE

Governador
Belivaldo Chagas Silva

Vice-Governadora
Eliane Aquino Custódio

Secretário de Estado do Governo
José Carlos Felizola Soares Filho

SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE
Segrase

SEGRASE - SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE

Diretor-Presidente
Ricardo José Roriz Silva Cruz

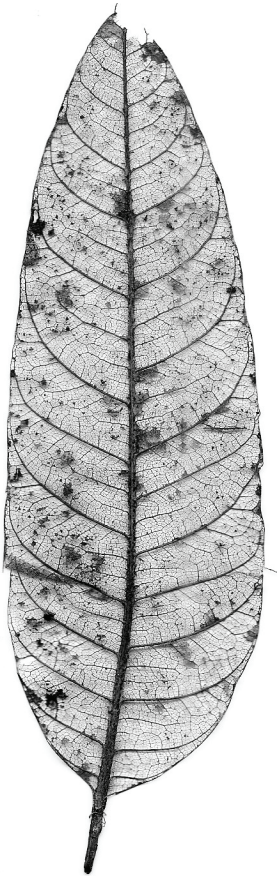
Diretor Industrial
Mílton Alves

EDISE

Gerente Editorial
Jeferson Pinto Melo

Conselho Editorial
Antônio Amaral Cavalcante
Cristiano de Jesus Ferronato
Ezio Christian Déda Araújo
Irineu Silva Fontes
João Augusto Gama da Silva
Jorge Carvalho do Nascimento
José Anselmo de Oliveira
Ricardo Oliveira Lacerda de Melo

N E R V U R A S



POESIA EM CARNE VIVA

de Ilma Fontes

EDISE
Aracaju - 2019

Copyright©2019 by Ilma Fontes

CAPA
Cícero Guimarães Neto

FOTOGRAFIA
Edson Araújo

DIAGRAMAÇÃO
Cícero Guimarães Neto

REVISÃO
Tanit Bezerra

PRÉ-IMPRESSÃO
Marcos Nascimento
Dalmo Macedo

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU)

F683n Fontes, Ilma
Nervuras: poesia em carne viva [recurso eletrônico] / Ilma Fontes. – Aracaju : Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - Edise, 2019.
92 p.; 21 cm. E'book PDF.

Modo de acesso: world wide
web: https://segrase.se.gov.br/

ISBN 978-85-53178-27-8

1. Poesia. 2. Ausência. 3. Poetas. 4. Confidências. I Título.

CDU: CDU 869.0(81)-4

Elaborado por Neide M. J. Zaninelli - CRB-9/ 884

Editora filiada

SNEL Sindicato Nacional dos Editores de Livros

ABEU Associação Brasileira das Editoras Universitárias

Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - EDISE
Rua Propriá, 227 · Centro
49010-020 · Aracaju · Sergipe
Tel. +55 (79) 3205 7421 / 3205 7420
edise@segrase.se.gov.br

e-mail da autora: ilmafontes@yahoo.com.br

SUMÁRIO

QUASE PREFÁCIO DO LIVRO DE POESIA 7
Planetária 9
Fundo Falso 11
Emoções Baratas 13
Da série Pornografando Drummond - Confidência da Aracajuana 15
Bilhete de amiga 17
Poema para o século XX 19
... E Cristo Nu 21
Receita depois da virada 23
Coisas do amor 25
Declaração dos Direitos Universais da Mulher 27
SuperEgo 31
Rolando Pedras 33
Oração para todas as mulheres do mundo 35
Amigos à parte 37
Ainda agora e sempre 39
Cobras 41
Música para Patrícia Polayne 43

Ilmapoemeu 45
Inveja 47
POHESITAR 49
Coisas de Eva 51
VADE RETRO 55
Tempo do poema 57
Amor de amigo 59
Eu que já fui 61
Marafona de Luanda 65
Palavras 67
Poemito 69
Talvez 71
Cisco a vista 73
Poesia Urbana - Nua na rua 75
Carta poema 77
Ouvindo Hilda Hilst 79
À Luz da Hora 81
Ao Barqueiro 83
Cristinas mortas antes do tempo 85
DE(S)AMOR 87
Ir Referência 89
Música Urbana 91

QUASE PREFÁCIO DO LIVRO DE POESIA

Há quantos anos não tenho essa sensação tão plena de ser o que sou, de estar como estou, com quem e sem ninguém, conjugando o verbo ser e estar sem nem me preocupar com o que irão pensar. Tanto que só agora, passado o umbral dos setenta anos publico este meu primeiro livro de poesia. Tenho poemas publicados em antologias, revistas e jornais nacionais e internacionais, mas poemas reunidos num livro assinado por mim, este é o primeiro, e graças ao incentivo da professora Ana Lúcia Menezes, a quem dedico esta edição.

Os tempos estão difíceis para todo mundo. Quando mais uma vez lamentamos a ausência de Araripe Coutinho, este sim, que se fazia poesia todo dia, que publicava grossos livros e se dizia poeta com muito orgulho, e se assumia. Uma coisa é escrever e outra é viver.

Fazer poesia é viver poesia. E é aí que se esfola a pele da alma.

Outros tempos, outros homens e as mesmas bestas, as mesmas dores, em todas as línguas e lugares.

Ezra Pound estufou o peito e anunciou: *"Os poetas são as antenas da raça"* e Edgar Allan Poe afirmou: *"Nunca mais, nunca mais"*. Baudelaire diz que é a vítima e a lâmina que corta a própria cabeça. Diz que é *"O apenado e o depenado" em belíssimo Francês.*

A leitura dos poetas de todos os tempos é a verdadeira leitura da humanidade em todas as épocas. Todo ser vivente é inteligente, mas só o humano faz poesia e conta dinheiro. Claro, bestas amestradas em comer dinheiro até são os dominantes, os machos alfa, mas volta e meia a História nos traz uma Hilda Hilst!

Nunca tive pressa de mostrar a minha modernidade. Ter um ideal e viver por ele. Isso é bonito e raro. O ideal do povo da hora é ganhar dinheiro, não importa como. Ainda bem que existe essa tribo dispersa entre os coqueiros e as araucárias que sabe ser mais importante a sensação de alma lavada, esse estado de espírito pleno de amor à vida.

Só assim consigo escrever poesia em carne viva.

***Ilma Fontes** – Aracaju, novembro de 2018.*

Planetária

Se você pensa que é fácil
Invadir uma mulata e partir
Num navio pirata
Totalmente autista
Você é mesmo um artista
E de fato não se engana
Quando chama a Terra de redonda.
Medonha forma de falar
De sua carne cósmica
Vista de cima é chata
Vista de fora é azul, claro,
Pra mim é negra, vermelha e amarela
A cor de sua carne planetária
E não há lágrima que me lave
Desse cheiro de sangue suor e mangue
Dessa carnificina que em mim arde
América Latina.

Fundo Falso

Descolamos o falso fundo da realidade e a vida vazou pela fenda da poesia. Desfocamos o amanhã e perdemos todas as certezas de conforto e futuro. Regamos com vinho verde as dúvidas maduras e cultivamos abstinências em segredo. Prendemos as divas na mesma caverna das musas escusas e mudamos o assunto para coisas que nem conseguimos falar. Ficamos com as cachorras. Deixamos o tigre na dispensa e dispensamos a cozinheira para o banquete dos deuses finitos. Fritamos a mágica com as mágoas e dobramos a força da loucura comendo as unhas do esquecimento. (Perdão: não esquecemos o que perdoamos). Perdemos algumas velhas lembranças em favor da desmemória total do presente descontente. Não comemos a salada de dívidas feita com os carnês e cartões de créditos dos contumazes perdulários. Demos a volta por baixo, deixando a onda passar e se arrebentar com quem foi nela. Ficamos submersos, mas estamos inteiros e com fôlego treinado ao sufoco. Em anoxia,

rezamos o rosário de desculpas costuradas na linha férrea dos zangões. Confinamos o absurdo nos textos e poemas impublicáveis. Secamos flores raras em quadros reveladores. Restou uma folha desidratada pousada num vidro sem reflexo, para a memória de nós. Jogamos ao mar cartas lidas. Ficou um envelope cheio de momentos e circunstâncias indecisas. Uma bagana com marca de batom bom mantém o diálogo na linguagem muda dos prazeres saciados. Cumplicidades nos espreitam de longe para manterem independência na forma de nos contextualizar, quando necessário. Ousadias nem sempre pagam o preço em risco de vida e morte, mas tem traços nesse troço que denunciam os destroços naufragados dos nossos submarinos (instantes) amarelos. E quando digo isso uma pedra cai no teto do meu quarto de lua, vinda de um meteorito metido a rico, que risca o céu numa cartografia de impacto imprevisível.

Emoções Baratas

Sabe meu bem, eu não tenho nada contra quem tem
a questão é não negar. não medir. nunca.
hoje ou depois de ontem, o dia é o seguinte.
seqüências. conseqüências. hipotenusas ilusões.
você tanto pode dizer sim como não.
sim, mas não me peça que eu saiba.
sorvo o meu desespero a qualquer semelhança.
e não me diga que você também não dança.
convenhamos: conivências, conveniências.
são as essências de tais insatisfações.

Insight. ensaio uma forma de falar de amor.
a velha palavra gasta: amor.
eu te homo. e me dá um branco total.
não sei. leia na bula. se borbulhar engula.
uma loucura, sim, ainda há cura.

na procura, no fundo das profundezas.
“é na subida que se sente o ronco do motor”.
mas não pense que é vantagem chegar aonde estou.
estou por qualquer. pense e tenha.
se esfregue nessa lâmpada de Aladim.
caia em si. caia em mim.
mas por favor, não caia na minha.
se não enxergar essa espinha
que me atravessa o peito
como um defeito que não tem jeito.

o dever de rever sem revanche
avalanche de dizer: me jante
como a terra, sedenta de sangue,
me sugue, me sangre, me estanque
wellcome aos caminhos infinitos dos meus mangues.

Da série Pornografando Drummond
Confidência da Aracajuana

Há anos morri em Aracaju,
exatamente no dia em que nasci.
Por isso sou gay, orgástica: de nuvem.
Dois por cento de cajuína na alma
dois por cento de fel nas calçadas
e esse alegramento do que na vida é
pluralidade e solidão.

A vontade de amar, que me impulsiona
o trabalho, vem de Aracaju, de suas noites
azuis onde sobram mulheres e horizontes.
O hábito de mexericar, que tanto dilacera,
é amarga herança aracajuína.

De Aracaju levei poucas prendas
que posso oferecer: um búzio sujo
de petróleo, que trago no peito
um pensar desembestado como um defeito
essa falta de jeito, nenhum sofá
nem sala de estar, nada em volta.

Tive mesas, tive cadeiras, tive divãs!
Hoje, não sou funcionária pública. Nem
médica psiquiatra. Jornalista por ofício
com vício de cineasta, viro
o videócio na videocidade. Saudade.

Aracaju é apenas um cu
- mas como dói!

Bilhete de Amiga

Não me queira mal
Não me queira tanto
Logo virá o desencanto
E não tenho mais palavras
Para agradecer o silêncio
O vazio de pessoas
A ausência redentora.

Lavei aquele coração de plástico
Onde está escrito "eu te amo"
- presente de uma amiga –
soprei o ar até completar o cheio
e pendurei-o num prego existente
na porta de entrada, que também é saída.
Ali ele está, presente, sempre, e tanto

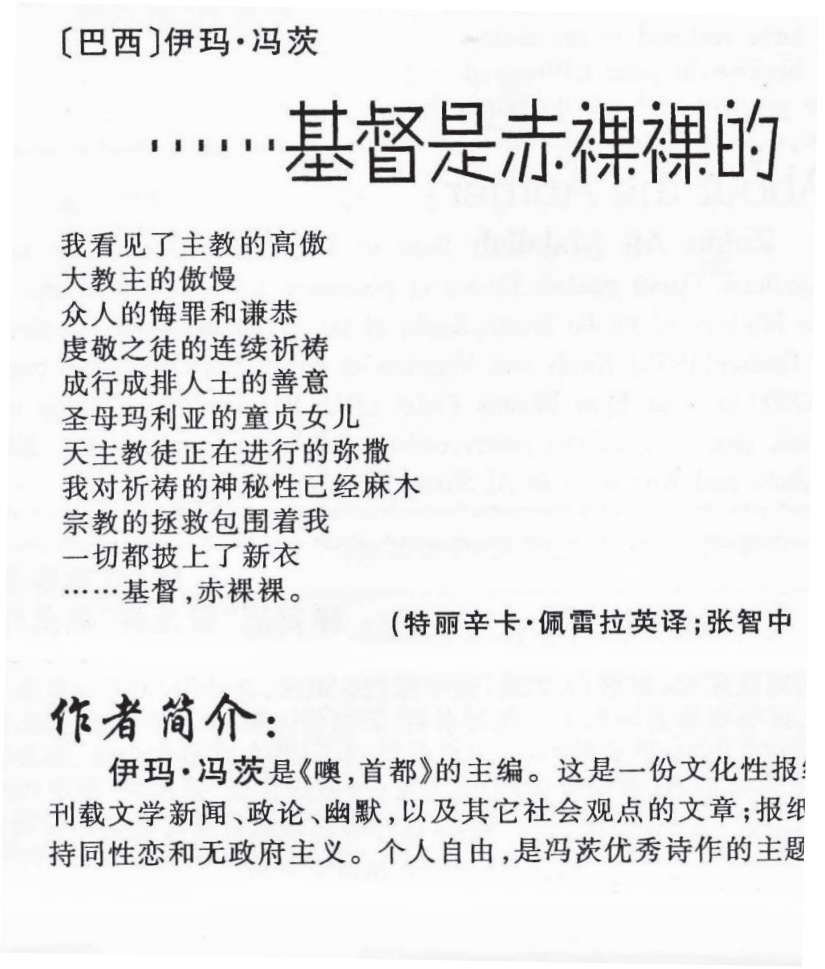
Que nem se vê e nem se sente, pronto
Para se encher de poeira e murchar
Novamente,
Até a próxima encarnação.

Poema para o século XX

ELE VAI

EU VINHO

Aracaju, 31/12/1999.



〔巴西〕伊玛·冯茨

……基督是赤裸裸的

我看见了主教的高傲
大教主的傲慢
众人的悔罪和谦恭
虔敬之徒的连续祈祷
成行成排人士的善意
圣母玛利亚的童贞女儿
天主教徒正在进行的弥撒
我对祈祷的神秘性已经麻木
宗教的拯救包围着我
一切都披上了新衣
……基督，赤裸裸。

（特丽辛卡·佩雷拉英译；张智中

作者简介：

伊玛·冯茨是《噢，首都》的主编。这是一份文化性报
刊载文学新闻、政论、幽默，以及其它社会观点的文章；报
持同性恋和无政府主义。个人自由，是冯茨优秀诗作的主

Poema traduzido para a versão chinesa.

... E Cristo Nu

Eu vi a soberba do Bispo
A arrogância do Arcebispo
A humildade contrita do povo
A corrente de reza das beatas
A ala dos homens de boa vontade
As filhas virgens de Maria
A massa católica em procissão
Transida nos mistérios da oração
Urdindo a salvação pela fé.
Todos de roupa nova
... e Cristo nu.

1997.

Poema publicado na Revista de Economia da China em 2006.

Receita depois da virada

Corte a parte que se dobra
sobre si e sirva ao berro
da carne viva flambada.
Faça uma reza forte
para Judas Iscariote
agradecendo o calote
que você se livrou
não comendo o escargot
da anfitriã de Drácula
- O conde agradeceu
obrigado, ao foie gras
temperado ao vivo
todos vendo o infortúnio
do ganso afogado em números
- um filme onde todos
morrem no final
menos eu.

Coisa do Amor

Transpor montanhas e dormir em cama de varas
é coisa do amor, assim como comer barro
e cuspir estrelas, aproximar horizontes
e fazer as paralelas se encontrarem
numa esquina da vida
é coisa do amor

suportar esse elevador subindo e descendo no peito
indo do riso à lágrima na veracidade da luz,
na ferocidade do som,
ouvindo a velocidade do mar
na moto-serra do silêncio desfeito
...
heróico e mendigo rei que a todos seduz
o amor faz coisas que o tempo não dilui.
O amor me faz querer agora morrer
Para viver saudade dentro de você.

Declaração dos Direitos Universais da Mulher

Toda mulher tem o direito de pensar por si mesma

sem precisar concordar com tudo que já foi dito.

Toda mulher tem o direito de menstruar em paz

sem precisar dar explicações a ninguém.

Toda mulher tem o direito de ser alguém, com idéias próprias

e ser dona do seu destino e do seu silêncio.

Toda mulher tem o direito de dizer bobagens e cometer erros

sucessivos até acertar, na poesia ou na vida.

Toda mulher tem o direito a comer o pão que o diabo amassou

desde que seja por amor.

Toda mulher tem o direito de ser querida, ao menos uma vez na vida

e de ouvir "eu te amo", mesmo que seja mentira.

Toda mulher tem o direito de tentar e realizar, querer e fazer,

casar e descasar, experimentar e ousar.

Toda mulher tem o direito de decidir se tem ou não um filho

Principalmente antes de fazê-lo.

Toda mulher tem o direito pleno e absoluto do seu corpo

podendo inclusive envelhecer com ou sem cirurgia plástica.

Toda mulher tem o direito aos seus cabelos brancos, mesmo que os pinte.

Toda mulher tem direito a ter medo de cobra, aranha, barata, rato e fotógrafos.

Toda mulher tem direito ao recato de não precisar expor seus segredos.

Toda mulher tem direito a ter segredos.

Toda mulher tem o direito de dizer Não, seja ao marido, à amiga ou ao patrão.

Toda mulher tem direito a ter um caso de amor, seja

lá com quem for.

Toda mulher tem direito a gostar de seda e cetim,

de vinho, whisky, vodka ou gim.

Toda mulher tem direito a uns quilinhos a mais nos quadris.

Toda mulher tem direito a "fechar" o trânsito,

desde que seja funcionária do Detran.

Toda mulher tem direito a gastar mais do que pode, uma vez por ano.

Toda mulher tem direito a férias de si mesma, para o seu próprio bem

e dos outros também.

Toda mulher tem direito a uma cama macia, em boa companhia,

seja de noite ou de dia.

Toda mulher tem o direito de sonhar.

Toda mulher tem o direito de ser única.

Revogam-se as disposições em contrário.

SuperEgo

Uma hora eu quero tocar o barco pra frente
Noutra, quero virar o barco e afogar toda gente.

Horas eu passo sem temer, sem rir, sem falar
Horas morro feito cigarra, estourada de cantar

Por vezes posso ser a Bela da Tarde
Por outras posso ser o fantasma da Liberdade

Algumas vezes mar sereno, sem ondas, sem espuma[*]
Freqüentemente ressaca, maremoto, céu de brumas

Numa hora quero ser eterna, dura, diamante
Noutra sou poeira, passante, sem dia nem hora,
Sem amante sem noite e sem calmante
Só eu só
- E ainda assim, sou mais eu.

** Verso de Júlio Salusse no poema "Os Cisnes".*

Rolando Pedras

Os tempos duros
A grana curta
Os sonhos vastos
A vida magra
A carne murcha
Solidão grassa
E aí? Tá pior,
Tá Miró?
Tá Leminski ou
Tá mais pra Maiakoviski?

A Poesia pela hora da Morte!

Oração para Todas as Mulheres do Mundo

Minha Nossa Senhora do Improviso, da-nos um bom sorriso e a possibilidade de pagarmos o dentista com um punhado de poesia.

Santa Maria da-nos alegria, mesmo diante de panela vazia.

Minha Santinha do Escapulário vigia os nossos ovários.

Santos Apóstolos dos Povos Drogados, da-nos diversão e arte... e compreensão de ambas as partes.

Santa Letícia livra-nos de ser notícia na página policial por agressão física, mental ou verbal.

Santa Virgem do Menino de Praga livra-nos dos maus-tratos dos homens e das mulheres ingratas.

Santa Cecília das Fontes Límpidas faça com que todas as mulheres do mundo, ao menos uma vez na vida, sejam beijadas e ouçam "eu te amo" – e que seja verdade ou mentira sussurrada, mas que seja real naquele instante.

Senhora Mãe das Marés Rasas dai-nos fôlego, danos atalhos para vencer os atrasos, as intrigas, as falsas amigas, o falso salário, os tolos e os abestados,

funcionários e patrões.

São Tomé dos Desacreditados livrai-nos dos tagarelas que vivem a inventar a vida alheia e torcer os fatos.

Santo Antônio dos Otários Caídos livra-nos dos maus maridos.

Santa Rita do Siri Mole livra-nos de todos que engolem sapos e arrotam carro esporte e iate.

Senhora dos Espinheiros, livra-nos dos editores bem intencionados e dos revisores também, porque eles existem e podem até matar um morto, enquanto vivificam outros zumbis da literatura nacional.

Santo Onofre do Pezão, não deixe cair em tentação a mão que assina as contas públicas, dá-lhes justiça! Dá-lhes prisão.

São João da Cana-Dura, guarda os perdulários, os prevaricadores, os dilapidadores dos cofres federais, estaduais e municipais.

Senhor dos Encontros tardios, dai uma mulher para quem tem frio!

A Solidão é uma mãe ausente, portanto Senhor dos Descontentes,

dá-nos uma cama macia e boa companhia todos os dias, para sempre, e à nossa mãe, também.

Amigos à Parte

Um amigo é um pedaço do que somos no espelho.
Num olhar de esgueiro, o espelho reflete surpresas,
Embora nos revele sempre os mesmos.
Um silêncio que passa por baixo do vidro
Por dentro do brilho do outro olho no aço alheio.

Um companheiro quando se torna inimigo se excede
em suas sobras, sobretudo quando saboreia a ceia
das suas vitórias e torce por sua queda e arrota sua derrota.
Um ex-amigo é um atalho para o atoleiro.

Um amigo é uma linha reta, uma festa, por inteiro
Nenhum retalho em volta. É um poço e um rosto
Refletido no abismo. E quando morre o amigo,
Sobra no espelho aquele que mais perdemos na vida,
Nós mesmos.

Ainda agora e sempre

Estou na lanterna dos afogados
Sem sobras, sem faltas, sem cais,
Nem Norte nem sorte, azar
Mas ainda sei me segurar
E chegar dentro de mim assim
: quente, gente, inteira
Pronta pra nadar em frente
Logo que o sol vermelho cresça
Sobre minha cabeça na manhã
dos afogados, na maré dos alagados
e eu possa desafiar os sonhos de dia
na noite escura e fria, viva
Desvalida. Sim.
Vencida. Não.

Cobras

Gosto de olhar nos olhos da cobra verde
E ver o que foi que eu "arreparei".
Gosto de olhar as meninas dos olhos
De quem se abaixa para pegar uma moeda
No chão, mas se encontra uma mala cheia
De dólares, entrega-a ao patrão.
Quero entender por quê o sistema prefere
Miniaturas ao tamanho real do ser,
Assim como prefere fotocópias
Ao invés de originais.
Mas cobras verdes não são cobras corais
Se lhes olho nos olhos, não amarei jamais

Aracaju, 1991.

Música para Patrícia Polayne

Tempo de olhar uma uva desgarrada
Do cacho e ver uma castanha de caju
Estourada no asfalto.

Tempo de ver que uma fivela dourada
Não significa nada jogada na calçada
Assim como o tempo de amar
A vida com prazer e alegria
Sem a qual a poesia é nada
: fivela dourada, uva caída e pisada
Castanha perdida
Mulher desamada...

Aracaju, 2010.

Ilmapoemeu

EU CHOVO DENTRO
TU CHOVES FORA
ELE SECA E MOLHA
NÓS CHORAMOS NA CHUVA
VÓS CHUVEIS NO MOLHADO
ELES NEM ESTÃO AÍ.

Inveja

Nem tudo que é leve eleva
Não isso que fica
em contato com a pele
que se repele
mas o que é mais leve
que o ar
e pode matar
num só olhar:
a inveja.

Aracaju – 01 de junho de 2006.

Poema traduzido por Teresinha Pereira para o Inglês, Italiano, Espanhol. Romeno e por aí vai...

POHESITAR

(poemas dedicados que hesitaram chegar ao destino e ficaram na gaveta)

Talvez você venha a gostar do meu rock

Quem sabe você queira fazer amor comigo

Ou nada disso e ainda assim insisto

Ouça toda ouvidos a sexta faixa desse disco

(U2 – Como desmontar bomba atômica)

Que lhe dou como abrigo do perigo

Que corre sua alma primária

Que ainda não viveu e quer saber mais que eu.

- Aju, 17.01. 2015

Conversa de janeiro com A.A.*

Eu – Saí por aí, duvidando de tudo.

A.A. – Como assim, duvidando?

EU – Assim: poesia pura em estado canino

devorando o domingo.

A.A. – Ah bom, duvidar é preciso para se manter vivo.

Eu – Eu sei que você sabe...

A.A. – Ângela de Almeida. - Janeiro 2015.

De onde vem essa vontade de chorar que me embarga o dia e a noite sem que eu possa fazer nada? O peito moído devorado por uma angústia sem nome. Será este o preço de quem sente as dores do mundo? A resposta veio numa notícia fatal: Cenira Morreu. Minha prima carnal mais parecida comigo (fisicamente). Um soco no peito.

E como dói fazer poesia!

Coisas de Eva

Ai Adão, que saudade
de quando você me cobria
E eu era terra, era dia
E você era chuva, sereno
Eu era rio e me contorcia
Você era trovão e me dizia não

Sim, tenho saudade
Mas jamais voltaria
A beber tanta alegria
Em troca da minha Liberdade.

2011.

Eu chovo dentro

Tu choves fora

Ele chove no molhado

Nós choramos na chuva

Vos chuveis no passado

Eles chovem atrasados.

- *Agosto de 2003.*

Sou criatura solar

Não me leve para o fundo do mar

Mesmo que lá tenha estrelas

- mas não brilham

E eu não vivo sem luz!

Rio - Abril 1981.

A minha fé não remove montanha

- para isto existe dinamite.

O clichê foi criado por Moises
Que removeu ás águas no Egito
Para o povo de Deus, os judeus
Fugirem para a terra prometida
E essa é uma história que não tem fim
Assim como o ódio de Palestina e Israel.

Propomos mais três tipos de removedor:

1 – Removedor de almas vaidosas
    Que tiram esmalte das unhas na igreja
2 – Removedor de sangue para almas ferozes.
    Que arranham e ferem sem que ninguém veja
3 – Removedor de sentimentos
    para dores crônicas

    No mais, Deus ajuda.

Rio, Rua das Laranjeiras, 1979.

VADE RETRO

Marafona de Luanda
Viciada em diamba
Não me queira
Em sua cama
Não te quero nem
Como mucama
Tu é bicho que não se ama
Coisa ruim que só reclama
E quer saber mais?
Vai-te catar!

Aracaju, 2012.

II

Para ela, amarela.
PARALELA
Não pegue as minhas pilhas

Não use os meus sapatos

Nem se pinte em meu espelho

Não tire meu retrato

Não me traduza

Vaza!

Aracaju, 2014.

III

Para ele, amarelo pimpão

Você perde seu tempo com brefaias e armações para ganhar mais dinheiro enquanto outros comem filé e faisão dos quais você jamais provará. Lacaios não sentam à mesa do senhor.

Só a poesia proverá as suas perdas do passado e do presente.

Aracaju, 14.05.2014.

Tempo do poema

Tempo de olhar uma uva
Desgarrada do cacho
E ver castanha de caju
Estourada no asfalto.

Tempo de ver
Que uma fivela dourada
Não significa nada
Jogada na calçada.

Assim como é tempo
De amar com prazer
A vida além dos anos
A vida sem a qual
A poesia é nada

: fivela dourada

Uva caída e pisada

Castanha perdida

Mulher desamada.

Amor de amigo

para Gélio Albuquerque, in memoriam.

Todos os violinos que tocam
Tocam hoje para você
Que pensou sumir de mim
Mas a canção não o deixa ir
Como o sereno não deixa de
Estar presente, suave.
Mesmo nas noites mais secas.
Amigo eu te guardo
Do lado esquerdo do peito
E do lado direito da vida.

Eu que já fui

Eu, que já fui

Égua solta no vento

Hoje sou árvore

Plantada no tempo.

Aguento.

Eu água minando

No deserto de almas

Vento batendo na vela

Do pescador solitário

Lâmina de aço duro

Amolando o fio de amor

Fio de pavio aceso

Na alegria milionária

De ser quem eu sou

Sem sombra de som

Nesga de cor

Mancha que se desmancha

Nesse inverno de idade

Sol-li-da verdade

Perdi a identidade

E sou hoje:

A mulher da cachorra.

Eu que fui madeira

De dar em doido

Cordeiro de deuses

Tirando a maldade do mundo

Bicho rebelde de longas crinas

Passadopresentefuturo menina

Da raça desaparecida dos Atlantes

Volto vestida de seda e cupim

Para estudar as plantas

E encontrar o animal em mim.

Mim mórias.

Precisamos de gente mais animal

Menos robôs e mais humanidade

Que os animais nos ensinam

Em silêncio, sem palavras.

Aracaju, setembro de 2014.

Marafona de Luanda

Não me queira em sua cama
Não se faça de mucama
E nem sonhe em me amar
Tu és bicho que não se come
Que não se ama
E só reclama
- Vai te catar.

Palavras

Nós duas nas dunas
De mãos dadas
- ignoradas

Apanho palavras
Na luz da lua
- minto

Apanho das palavras
Revido e bato na lua
- burra

Sigo na rua
Meio sem meios
- mole e dura

Vazia de sentidos
Cheia de sentimentos
- contraditórios

Não tenho arma nem bala
Mas sei que pedra mata
E falta de amor também.

Poemito

Erro, me dano
Eu não te espero
Eu não te amo
Aliás, nem sei
Como me chamo.
Meus dedos não
Guardam segredos
Meus dias não
Sonham segredos
Meu rosto mudou
Em cada espelho
Em minha vida não
Cabe mais medo.
Sou uma reta
Sem paralela

Correndo para o nada

Desencontrada,

Sem infinito

E ainda assim:

(R) existo.

Talvez

Num outro momento
Em que eu esteja menos
Solicitada e você mais
Solícita, nos encontraremos
beira-mar, sozinhas
E unidas pela aura lunar
Ouviremos as estrelas
E confissões das águas
Afogadas em silêncios
Sem manifestar afeto.
Faremos amor sem sexo
Trocando apenas afagos
Nos gestos das palavraas.

Aracaju, julho de 2010.

Cisco a vista

Boleras em mim quando danças
Um sonho antigo de tango, ou
Mangas caídas e doces pitangas
Digo: com o que tu me enganas
Eu também te enganos.

Turbinas em mim possibilidades
De uma felicidade extrema, telúrica.
Um bolir de fogos de artifícios
Um arder de fornos nucleares
Uma energia de raio rutilante
Ao rubi do luar mais tarde
No altar do sacrifício, feito vício
Insisto em dizer Te amo!

Por isso esse fremir de arreios
Gemer de carros, esporas e freios
Tempestades de silêncio e medo
Mugir de nuvens no céu que é seu.

Por isso esse tremer de terra
Quando o teu olhar de vidraça
Sente a pedra do meu peito
E no impacto se estilhaça.

Por isso essa desgraça de não te ver
Nem tu vê direito esse espinho,
Essa cegueira que não tem jeito,

- mas quem pode ver argueiro
No olho alheio?

Poesia Urbana - Nua na rua

para Alcides (1973).

Tomei um gole de whisky
Não perdoei as tolices
Tomei um gole de vinho do porto
Já me senti feliz um pouco
Tomei um chá de cogumelo
Vi demônios rindo de mim no teto
Derramei um vinho barato
Numa mágoa sem rancor
Tomei um gole de cachaça
E desci a rua nua, pra você
meu amor.

Carta poema

Estou aqui porque nasci para pensar e com você ficarei em ideias e pensamentos para quando o futuro não mais roubar a cena do presente com possibilidades e promessas.

Estou porque sou e nem logo existo porque penso, mas porque penso em você. E dispenso qualquer cogitação carnal. Troco músculos por emoções; ossos por sentimentos; vísceras por intuição. Não troco o prazer de estar contigo por nenhum outro, nem por um castigo. Porque sei esperar o passar do tempo.

Não me venham com gentilezas que eu não possa retribuir.

Não me ofereça o corpo com a alma em pedaços. Abrace, sim, meu cansaço como quem guarda um segredo: entre as coxas, com o alívio de quem chora no escuro do seu quarto. Assim falo do meu amor, calada. Eu também sei amar sozinha.

Maceió/AL - 29.11.89

Ouvindo Hilda Hilst

para Mila

Nos deixarmos ficar interrompidas
é dar guarida a feridas que não cicatrizam
arranhões que já não ardem nem sangram
verdades sem nexo e mentiras sem videotape.
Tapas na cara da internet.
Mila, seu nome principia na sola do meu pé
coçando um caminho sem volta, de ré,
na sua direção. Tudo é confuso na solidão:
um simples Sim pode significar
um simples Não. Tudo é possível na Dor.
Repenso maneiras sutis de não falar de amor
de não falhar em miudezas, mágoas, traição.
Então viajo nas ondas longas e médias
sem medo das curtas e sem rédeas

e eu posso ouvir o som rútilo do coração de H.H.*
sem anestesiar a inesgotável emoção da certeza
que para sempre eu sei que vou te amar.

Vitória/ES - 1991.

À Luz da hora

Estojo de Pandora
Onde a felicidade se demora
Em botar a morte para fora.
... Eu tinha que construir
Uma escada para você subir
Diminuir-me para que você
Crescesse e aparecesse.
Eu tinha que apagar-me
Para você brilhar, reluzir.
E tanto encolhi que encontrei
Neste ínfimo de mim
Uma abertura para outro olhar
Outra dimensão onde você não está
Ou é só um ponto, um botão que liga a dor
E quando desliga, stop, passa.

Meu amor? Passou.
O corpo já esqueceu, desmemoriou.
E a memória do corpo é o que mais
Faz doer a alma no desamor
É a dor da alma que adoece o corpo
- é como expurgar um amor morto.
À luz da hora
Sua sombra é maior que o meu choro
Mas nada que se compare ao meu nojo
Saiba, se quiser me ver de novo
Olhe pro céu sem balões e sem estrelas
e veja como o raio
Pode cair duas vezes no mesmo lugar.

Vitória - 1991.

Ao barqueiro

A vida é agora
A hora é exata
O tempo existe
Se eu desisto
De tudo e nado
Até o barco
De Caronte
vou direto para o Hades

Meu Bom-Barqueiro
Dá-me um trago
Do seu vinho amargo.

O Mundo é fardo,
A Morte é farpa
A espera é vasta,
Então, zarpa!

Cristinas mortas antes do tempo

Ilusões suicidas
Ana Cristina César
Maria Cristina Gama
Unidas pela poética
De uma morte trágica
Irmãs das almas aflitas
Ricas de desassossego
Mimadas pela tristeza
Não suportaram o fardo
Da grossa infelicidade
De não serem amadas
O quanto amavam a si mesmas
- em desamor, se matou
: uma sangrou de faca
outra pulou do apê.
Tanta dor e sacrifício

Para que?

Nos resta a poesia de cada uma

PARA SEMPRE.

DE(S)AMOR

Não pegue minhas pilhas

Não deite em minha cama

Não use meus sapatos

Não diga que me ama

Não pinte meu espelho

Não faça o meu retrato

E não me traduza!

Saco!

Ir Reverência

Senhor do indigesto
do estarrecido
do insuportável

Senhor dos desgarrados
dos destemidos
dos desgraçados

Senhor do diferente
do errado
do incerto

Senhor dos desertos
Sois o mesmo da coisa certa
Que me acerta o peito
Quando me perco?

Senhor do esterco!

Música Urbana

Agora é tarde. Não jogarei a minha alma a seus pés nem beijarei a sua sombra e jamais serei a sombra do seu cachorro. Como o corvo de Allan Poe, digo: nunca mais, nunca mais. Não ouvirei você dizer: louca, seus beijos são tão universais, animais, radicais, sem iguais... agora é tarde, não beijarei a sua boca. Não pedirei a cabeça do profeta na bandeja nem dançarei mariposa em torno da luz, cega de amor, me botando na cruz, morrendo por seu olhar, jamais. Não terei mais o que nunca tive menos. Andei tanto para trás que encontrei-me antes de você. E agora, digo; quem não lhe quer sou eu. Passei, passou, passamos do ponto de encontro. Perdi o bonde chamado desejo. Meu coração, não sei porquê, já não bate feliz quando lhe vê. Meus hormônios não se derramam no veio sanguíneo. Foi-se o instinto assassino. Normal, tudo fica igual quando você passa por mim e nem olha, como coisa que eu fosse ninguém. Músicas urbanas. Nada de nada, noves fora eu, no meio de dEUs.

Tiragem	200 exemplares
Formato	15x21cm
Tipologia	Adobe Caslon Pro, 14/16
Papel	Pólen Soft 80g/m² (miolo)
	Couchê Fosco 250g/m² (capa)

Nossa querida ILMA FONTES é afeita e feita de poesia. Dispensa a leitura de currículos e títulos, primeiro porque ela é o avesso da caretice dos parâmetros de nossa sociedade, e depois porque sua produção e sua contribuição são enormes e conhecidas. Além de poeta, é médica - Doutora como Guevara, como Guimarães Rosa, como Tchekhov - Jornalista, cineasta, escritora, ativista cultural.

Falo de Ilma enquanto homenageada na categoria poesia, mas ela é também homenageada hoje na categoria CINEMA. Sua arte se entrelaça: Ela elabora sobre cultura, ela escreve livros que se tornaram roteiros de cinema, ela dirige filmes que são poesia em audiovisual...

Vanguardista, Ilma foi a primeira em muitas coisas, inclusive a dirigir o primeiro filme sergipano: "Arcanos - O Jogo" e a primeira mini série para TV, "A última semana de Lampião", 1986. Fundadora da TV Educativa em Sergipe, comandou vários programas com artistas locais. Nos mais de 50 anos de contribuições à cultura sergipana, Ilma escreveu, editorou, roteirizou, dirigiu, produziu, conquistou prêmios... E fez história em nosso Estado, sempre olhando além do que está posto. Sempre sendo além do que esperam da gente.

Discurso da Deputada Ana Lúcia Menezes na Entrega da Comenda Beatriz Nascimento – Assembleia Legislativa de SE

9 788553 178278